

Articulações de mulheres e as ondas do feminismo no Hip Hop¹

Harumi Laini Agata da Rocha - (PPGAS/UNICAMP)

Palavras-chave: Hip Hop; Feminismo Negro; Juventude

1. Introdução

As articulações de mulheres no hip hop são marcadas por desafios, reivindicações e organizações para que tenham seus trabalhos e espaços reconhecidos, os quais serão investigados neste projeto de pesquisa. Para a contextualização do problema, apresento: i) a história do hip hop a partir do trabalho de Jaqueline Lima Santos (2011) e José Carlos da Silva (1998), ii) a chegada no movimento no Brasil a partir de João Batista de Jesus Felix (2006) e Jaqueline Lima Santos (2011) e iii) as articulações de mulheres no hip hop a partir da experiência das lideranças femininas do movimento e do trabalho de Izabela Naelio Ramos (2016), Sueli Carneiro (2005), Lélia Gonzalez (1984), Tricia Rose (2021), Priscila Saemi Matsunaga (2008) e Patricia Hill Collins (2006).

O projeto apresentado pretende investigar as dinâmicas das articulações de mulheres no hip hop a partir da divisão proposta por MC Sharylaine em três ondas, sendo: 1ª Femini Rappers (1992), 2ª Minas da Rima (2000) e 3ª Frente Nacional de Mulheres do Hip Hop (2010) (SANTOS; ARRUDA; SILVA, 2023), ao explorar como cada uma dessas organizações contribuiu para a formação das mulheres praticantes do movimento sobre as questões de gênero e a aproximação delas com o movimento feminista de mulheres negras, que também tinham reivindicações e enfrentamentos específicos compartilhados.

Introduzindo brevemente as ondas, que serão exploradas mais adiante no texto, o Femini Rappers foi uma iniciativa liderada por Cristina Batista (Lady Rap) dentro do Projeto Rappers, projeto promovido em parceria com o Geledés (Instituto da Mulher Negra), que tinha como objetivo criar um espaço direcionado para o debate de mulheres negras na sociedade e no movimento hip-hop. O Minas da Rima foi uma iniciativa política e cultural de realizar um festival apenas com os grupos de hip hop formado por mulheres, além de estimular a participação delas em eventos, debates e shows. E por último, a Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop é uma rede de todo o país que promove encontros,

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

formações, oficinas, workshops, entre outros, para incentivar o protagonismo e participação de mulheres no movimento.

O objetivo é analisar como essas organizações em ondas aconteceram, as continuidades e rupturas de uma onda para a outra, o diálogo das mulheres com as lideranças e pensadoras do feminismo negro brasileiro e o impacto gerado por essas organizações na cena de mulheres no hip hop hoje, com recorte para o cenário de São Paulo.

O hip hop é um movimento que nasceu em Nova York, Estados Unidos, por volta da década de 1970, especificamente no bairro do Bronx. Naquele momento o país passava por crises econômicas e transformações sociais e, em especial, o bairro do Bronx foi afetado pelo aumento do desemprego, pela chamada *urban decay* (decadência urbana) - em que a moradia pública foi negligenciada -, pelo aumento da exclusão social - que evidenciava a falta de investimento - e pelo projeto político de abandono do Estado naquela região habitada, em sua maioria, por negros, caribenhos e latinos. Segundo Harvey (2011), os Estados Unidos passavam pelo período pós-industrialização, em que a mão de obra - em grande parte - foi substituída por máquinas, ao mesmo tempo em que eram feitos cortes nas verbas federais para serviços sociais e, como forma de conter gastos, o governo municipal de Nova York repassava os cortes, principalmente, para áreas como educação, transporte e saúde, o que levou à precarização desses serviços.

O cenário político dos Estados Unidos naquele período era marcado pela

Redução de fundos federais para a área social, que se iniciam na era Reagan/Bush, em meados dos anos 80, as ameaças às conquistas obtidas pelos negros através da luta em torno dos direitos civis e da política afirmativa agravavam o quadro de tensões e a falta de perspectivas para jovens na cidade (SILVA, 1998, p.35)

O contexto era de grande conflito e insatisfação no território estadunidense, amplamente marcado pelo aumento do desemprego, pela precarização de serviços básicos e exclusão da população negra, caribenha e latina. É nesse cenário que surge o hip hop e “podemos dizer que o hip-hop tem uma origem e ligação étnico-racial e econômica” (FELIX, 2005, p. 69).

A partir do cenário de transformações políticas, econômicas e sociais, a juventude encontra no hip hop uma forma de lidar com a violência e desafios do território e, assim, “práticas relacionadas à música, às artes visuais e à dança começaram a ganhar formas nas ruas, preparando o espírito do movimento hip hop e a constituição dos seus elementos centrais: o rap, o grafite e o break” (SILVA, 1998, p. 38).

Além dos desafios e insatisfações do cenário estadunidense, um outro cenário que influenciou o movimento hip hop foi toda a luta do movimento negro e, em especial, dos *Black Panthers* (Panteras Negras), que tinham como objetivo resgatar o orgulho negro, combater o racismo e dar visibilidade à população negra estadunidense que sofria com a brutal repressão policial (PIMENTEL, 1997).

Embora a gênese do hip-hop esteja ligada à diversão e às festas de bairro, a característica mais marcante deste movimento é a denúncia, a contestação, o caráter político e racial, influenciado não só pela situação precária da população estadunidense naquele momento, mas também por movimentos e líderes políticos anteriores, ícones da luta negra pelos direitos civis, tais como os *Black Panthers* (com o *Black Power*), Malcolm-X e o pastor e ativista Martin Luther King Jr., cujo assassinato impulsionou revoltas em diversas cidades dos Estados Unidos neste período (GOMES, 2012, p.7)

Os *Black Panthers* tinham uma forte atuação na juventude negra sinalizando a importância da formação coletiva, de dedicação aos estudos e conhecimento, além de propagar e tocar nos guetos norte-americanos o *Soul* de James Brown. As letras de James Brown carregavam mensagens da luta contra o racismo e exaltação da população negra, o grande sucesso de Brown “Say it Loud” lançado em 1986 dizia o seguinte: “*Say it out loud (I’m Black and I’m Proud) / Say it louder (I’m Black and I’m Proud)*”², esse trecho de sua música demonstrou uma verdadeira potência dentro da população negra norte americana e foi um grande motor para o resgate do orgulho negro e da autoestima.

A febre do Soul e do Funk nas ruas do Bronx, gueto dos negros e caribenhos, estava prestes a ter um ápice. O Disk Jockey (DJ) Jamaicano Kool Herc trouxe da Jamaica para o Bronx, a técnica dos famosos Sound Systems da Kingston. Na Jamaica, o referido DJ costumava recitar versos sobre bases de Reggae, e levar suas mensagens espirituais e políticas aos jamaicanos. Porém, no Bronx o ritmo era outro. Kool Herc foi obrigado a adaptar suas rimas em bases das músicas mais conhecidas de Soul e Funk, que tocavam nos guetos norte-americanos (PONCIO, 2014, p. 24)

Esse era o cenário quando surge o movimento hip hop, que só ganha formato quando Afrika Bambaataa³ teve “ideia de unir essas manifestações artísticas que tinham um contexto social comum em torno de um único movimento, o Hip Hop” (CHANG, 2005 apud SANTOS, 2011, p. 71). E as manifestações artísticas eram inicialmente o grafite, breaking, MC e DJ, que serão detalhados abaixo.

O grafite surge em 1971, quando a assinatura “TAKI 183” começa a se proliferar nos metrô de Nova York, ou seja, no subterrâneo da cidade, e foi a primeira *tag*

² Tradução livre: Diga alto (Sou negro e tenho orgulho) / Diga mais alto (Sou negro e tenho orgulho)

³ Nome artístico de Lance Taylor é produtor musical, compositor, DJ e líder da banda Zulu Nation

(assinatura) a aparecer na mídia, em um jornal de grande circulação e reconhecimento (SANTOS, 2017, p. 86). O “grafite surge reivindicando o espaço público como lugar de expressão das identidades políticas confinadas nos guetos” (SILVA, 1998, p. 49).

O breaking é “uma dança “acrobática, competitiva e pantomima” que começou como disputas amigáveis entre jovens negros e hispânicos que buscavam se superar por meio dos movimentos de contorção física” (SALES BANES, 2004 apud SANTOS, 2011, p.65), sendo uma forma de reivindicar a presença física dentro das superfícies da cidade, nas ruas.

E por último, o *rap (rhythm and poetry)*, que é junção de dois elementos do hip hop, o DJ (*disc jockey*) e MC (*master of ceremony*). Os DJs tinham o papel de realizar as festas comunitárias, oferecer as batidas para os dançarinos de breaking e a trilha sonora para as *crews*⁴ de grafite (ROSE, 1994 apud SANTOS, 2011, p.67) e os MCs faziam o acompanhamento, trazendo narrativas orais junto das batidas dos DJs.

Diante desse cenário, Afrika Bambaataa percebeu que havia uma cultura se consolidando e acontecendo ali no Bronx, sendo composta por músicas, danças e artes visuais e é dessa forma que nasce a junção dos elementos que deu origem ao hip hop. Além da produção cultural no Bronx, houve o aumento do conflito entre as gangues, e Bambaataa buscou uma forma de conter a violência criando a *The Organization* que mais tarde, em 1973, se transformou na *Zulu Nation*, a primeira posse⁵ de hip hop. Esta organização “tinha como proposta ir além da cultura e da arte. O objetivo foi se consolidando como uma organização internacional para lutar por mudanças para a população negra e pobre” (SANTOS, 2011, p. 71). Afrika Bambaataa é o grande precursor do movimento hip hop porque foi quem juntou todos os elementos, que aconteciam de forma isolada no território, a fim de criar espaços de paz e coletividade.

O hip hop tem em sua origem, portanto, a influência de movimentos negros dos Estados Unidos, a produção cultural da população negra, caribenha e latina, a crítica contra a falta de investimento do Estado e a denúncia da violência urbana. É um movimento que nasce com a influência de diferentes grupos e movimentos e que logo consegue atravessar fronteiras e dialogar com diferentes comunidades negras de todo o mundo.

⁴ Grupo de grafiteiros que se reúnem para grafitar

⁵ “Organizações que congregam grupos e pessoas que praticam algum dos quatro elementos do Hip Hop” (FELIX, 2005, p. 64)

A chegada do movimento hip hop no Brasil acontece por volta da década de 1980, principalmente, através dos bailes *black* de São Paulo. Há dois elementos importantes de serem mencionados sobre o contexto do Brasil na segunda metade do século XX: o primeiro é que era um momento de intensas mudanças sociais e econômicas, principalmente nas regiões mais urbanizadas do país, e, de acordo com Santos (2011) essas mudanças trouxeram um crescimento econômico que não foi acompanhado pela redistribuição de renda, ou seja, havia também um aumento das desigualdades sociais e, a partir deste cenário, surgem novos movimentos sociais com características, reivindicações e identidades bem definidas, como o movimento negro, feminista, ambientalistas, entre outros. O segundo é que de 1964 a 1985 o Brasil viveu sob o regime militar, a partir dos anos 1980 há uma intensificação e fortalecimento das lutas e mobilizações pelo fim da ditadura militar brasileira, com destaque para as “Diretas Já”, movimento político que aconteceu em 1983 organizado pela sociedade civil que tinha como principal objetivo reivindicar as eleições diretas para a Presidência da República.

Segundo Felix (2005), no mesmo momento em que há de intensificação das lutas contra a ditadura militar, há também a importação por parte dos bailes *blacks* de “um tipo de música que servia de inspiração para a luta pela emancipação sociorracial e econômica” (FELIX, 2005, p. 71)

À primeira vista, parece que o público estava nos bailes *black* totalmente alienado referia às lutas pela democratização da sociedade brasileira. No entanto, em uma análise mais minuciosa, podemos notar que aquelas pessoas procuravam, de outra forma, encontrar condições para aumentar a inclusão de negros na sociedade brasileira. Logo, a democratização do Brasil para eles tinha outro significado (FELIX, 2005, p.71).

É a partir da importação e comercialização de discos e videocliques que começaram a chegar informações sobre um movimento político e cultural que se consolidava nos Estados Unidos, o hip hop (SANTOS, 2011). “O Hip Hop brasileiro teve suas raízes formadas nos bailes black, ponto de partida para que os jovens negros que frequentavam os bailes comessem a ocupar as ruas do centro da cidade.” (SANTOS, 2011, p. 87)

O surgimento do hip hop está atrelado ao espaço dos bailes *black* que aconteciam nas casas de show do centro de São Paulo, mas logo o movimento foi crescendo e se organizando e passou a reunir jovens negros na estação de metrô São Bento e na Praça Roosevelt, em São Paulo.

O Hip Hop surgiu no Brasil de maneira “parcelada”, isto é, os seus diferentes elementos foram sendo adotados por pessoas que não viam maiores ligações com a dança que praticavam nos bailes *black*. O fato é que tais expressões culturais, antes do surgimento do Hip-Hop, não

assumiam, aqui no Brasil, uma posição política contestadora explícita. O que não deve significar que eram ações sociais realizadas simplesmente com a função de divertir ou descontraír, sem nenhuma outra consequência. Afinal, em nosso país, o *break* e o *rap* surgiram em *loci* de lazer e distração da população negra e pobre. (FELIX, 2005, p. 79)

Com o aumento da popularidade dos grupos de rap na São Bento, o baile *black* Zimbabwe, situado no bairro Santo Amaro em São Paulo, começou a organizar concursos de rap e os vencedores eram convidados a gravar suas músicas em uma coletânea. “A gravação dos discos criou condições para que o rap nacional conquistasse maior destaque dentre os quatro elementos constitutivos do Hip Hop” (FELIX, 2005, p. 77)

Como apresentado por Felix (2005), no começo a maioria dos grupos de rap não assumiram um tom político explícito nas letras, prevalecendo uma posição voltada para cultura e lazer. Os bailes *black* diante do aumento da popularidade do rap começaram a abrir o seu espaço para apresentações dos rappers, mas aqueles raps que tinham letras mais politizadas ou de forte críticas não eram tão aceitos, o que gerou um afastamento desses grupos dos bailes e a aproximação com os movimentos sociais que aconteciam nas ruas da cidade.

A Praça Roosevelt em São Paulo não foi apenas um lugar de reunião da juventude e de construção da luta contra o racismo, era também o espaço que marcou o contato das mulheres do hip hop com o feminismo (SANTOS; ARRUDA; SILVA, 2023), ou seja, ali eram pautadas as contradições dentro do movimento, já que “as narrativas bem elaboradas pelas mulheres no Hip Hop sobre o cotidiano nas periferias de São Paulo não eram suficiente para que fossem tratadas como iguais em um universo majoritariamente machista, em que valoriza-se, sobretudo as produções masculinas” (SANTOS; ARRUDA; SILVA, 2023, p. 93).

O caráter politizado dentro do hip hop vinha ganhando espaço e força, em 1988 surge a primeira posse do país em São Paulo, o Sindicato Negro, “o nome já evidenciava a preocupação com a questão racial, e é com o surgimento dessa Posse que o Hip Hop tem um início de fato no Brasil.” (FELIX, 2005 apud SANTOS, 2011, p. 71). Segundo Felix (2005), as posses possibilitam a existência de um espaço em que as discussões políticas e ideológicas acontecem.

Entretanto, à medida que o hip hop assumia um caráter mais politizado e de denúncia às violências perpetradas contra a população negra, principalmente, via posses e letras de rap, a opressão nos espaços públicos também aumentava. Um acontecimento

que marcou os rappers que se encontravam no centro da cidade foi a morte de Marcelo de Jesus, em 1989. Segundo Ramos (2021),

Marcelo era negro, tinha 19 anos, era do grupo de rap Magic, estava voltando para casa no vagão do metrô Linha Vermelha, que os levava à Zona Leste. Ele estava com outros amigos, saindo de um show de rap, batucando e rimando no metrô. Um policial militar que estava no vagão se sentiu ofendido, foi ter com os rapazes e matou um deles. (RAMOS, 2021, p. 43)

A morte do Marcelo colocava em evidência a relação belicosa dos órgãos de segurança pública com a presença das expressões culturais da juventude negra, esse acontecimento chocou toda a comunidade do hip hop e “levou os rappers a reforçar e organizar melhor as narrativas de denúncia em suas músicas a fim de enfrentar a violência cotidiana” (SANTOS; ARRUDA; SILVA, 2023, p. 42).

Em paralelo ao aumento dos debates em relação ao racismo e a violência policial, as produções de rap das mulheres e os debates de gênero também começaram a emergir, “as meninas do rap adotavam padrões considerados masculinos, o que não as impedia de abordar temas de seus interesses nas músicas” (SANTOS; ARRUDA; SILVA, 2023, p. 93). Em 1989, MC Sharylaine grava “Nossos Dias” e se tornou a primeira mulher a gravar um rap no Brasil, nessa produção ela denuncia e aborda os obstáculos enfrentados pelas mulheres no hip hop.

Na virada para os anos 1990, a estação de metrô São Bento e a Praça Roosevelt em São Paulo, dois espaços conhecidos pelos encontros dos praticantes da cultura hip hop começaram a ficar esvaziados por conta da constante repressão dos agentes de segurança estatal, sempre na tentativa de afastar a juventude negra periférica dos espaços centrais da cidade. Ao mesmo tempo foi uma década marcada pela exposição e aumento das discussões de gênero, as mulheres do movimento “colocavam em evidência as contradições dos MCs que, em sua maioria idolatram a figura de suas mães como “guerreiras”, ao mesmo tempo que produziam músicas que desrespeitaram outras mulheres” (SANTOS; ARRUDA; SILVA, 2023, p. 95).

A década de 1990 para o hip hop representa um contexto marcado pela perseguição e violência policial, em que os encontros e shows eram impedidos de acontecer ou interrompidos de forma brutal, sem que houvesse espaço para diálogo e avanços com o poder público, foi um momento de aumento das produções de rap com o teor de denúncia da violência policial e do racismo, e de ganho de força das produções de rap das mulheres com o teor de denúncia do machismo.

Diante do cenário de aumento da violência policial contra a juventude negra do movimento hip hop e da necessidade de discussões de gênero, os praticantes começam a entender a urgência de estarem imersos no debate de direitos humanos, relações étnico-raciais e do feminismo negro no Brasil, o que desencadeia em uma aproximação do hip hop com os movimentos sociais e partidos políticos. Essa aproximação foi marcada pela apresentação de alguns grupos de rap como Racionais MC's, DMN, FNR e Personalidade Negra na marcha da Consciência Negra em 20 de novembro de 1990, dia em que há o primeiro contato entre o Geledés - Instituto da Mulher Negra e o movimento hip hop. Deise Benedito foi quem buscou essa aproximação, ao ouvir os jovens rappers cantando sobre desigualdades, violência policial, racismo e lideranças negras, ela os convidou para uma visita à Geledés e apresentação do trabalho que estavam desenvolvendo.

A partir desse convite surgem novos encontros que formariam, em 1992, a iniciativa chamada de Projeto Rappers. Em um Workshop promovido pelo Arquivo Brasileiro de Hip-Hop do AEL Unicamp em 08 de junho de 2022, Clodoaldo Arruda – um dos coordenadores do Projeto Rappers – afirma que no início dos anos 1990 o rap estava passando pelo processo de amadurecimento e profissionalização, ou seja, deixa de ser a música para animar festas e passa “a fazer letras de contestação política, de contestação racial de contestação social, quando a gente começa a denunciar certas coisas, que acontecia nas periferias, as forças de segurança e do Estado começam também a prestar atenção no rap” (ARRUDA, 2023).

O Projeto Rappers nasce da necessidade do movimento hip hop de ter orientação política e jurídica para enfrentar à violência policial que reprimia as manifestações do hip hop, tanto na Estação São Bento quanto na Praça Roosevelt, e formação em relação às questões raciais e de gênero para repensar o ambiente e contexto interno do movimento.

As rappers, que naquele momento tinham o apoio institucional de Geledés, questionaram a hegemonia masculina no movimento ao criticarem posturas machistas expressas em músicas como "Mulheres Vulgares", dos Racionais MC's e "Garota sem vergonha", do Doctors MC's. (RAMOS, 2016, p. 42)

Essa foi uma grande experiência de sucesso para a história do hip hop no Brasil e, em especial, para o movimento na cidade de São Paulo. Foi um projeto importante para Geledés se aproximar da juventude e para o hip hop se aproximar e se formar em relação às questões de raça e gênero, que atravessam diariamente a vivência dos praticantes do movimento.

Segundo Sueli Carneiro, o Projeto Rappers foi

uma estratégia de atenção aos jovens negros da cidade de São Paulo, organizados em torno do movimento Hip Hop e de potencialização das vozes desses atores sociais servindo como uma alternativa para apontar caminhos para o enfrentamento das questões por eles trazidas (SANTOS; ARRUDA; SILVA, 2023, p.15)

Este projeto durou de 1992 a 1998, foi proporcionado “o acesso ao conhecimento, formação político-cultural, proteção legal, articulação política, atuação em defesa de seus direitos e profissionalização artístico-cultural” (SANTOS; ARRUDA; SILVA, 2023, p. 48), e uma das grandes conquistas e legados que o projeto deixou foi a Revista Pode Crê!, um veículo de comunicação criado por e para a população negra e que logo passou a alcançar grupos de rap em todo o Brasil. Esta revista também foi capaz de estabelecer um meio de comunicação com o movimento hip hop em território nacional e levar de informações sobre o movimento negro, a luta contra o racismo e questões de gênero e feminismo.

Um dos outros grandes destaques do Projeto Rappers foi o recorte de gênero dentro do projeto por meio da iniciativa Femini Rappers liderada por Cristina Batista (Lady Rap), que foi um espaço específico e direcionado para a discussão das jovens mulheres negras na sociedade e dentro do hip hop.

O feminismo do Hip Hop pautou-se, desde o princípio, I. nas experiências de mulheres para as quais a luta é inerente a sua sobrevivência, ou seja, movimentos populares caracterizados pela liderança feminina, como movimentos de moradia, mães crecheiras e associações comunitárias, e II. nos acúmulos e desconstruções elaborados pelo movimento feminista negro - este formado por mulheres também periféricas, mas que conseguiram alcançar outras esferas de discussão de direitos na sociedade (SANTOS; ARRUDA; SILVA, 2023, p. 93)

Ao passo que o movimento hip hop se consolida e passa a ser reconhecido pelo seu caráter político, de contestação e denúncia de problemas sociais, como a violência policial, desigualdades, racismo, entre outros, é também um movimento que parecia continuar reproduzindo as opressões e desigualdades de gênero presentes na sociedade. É a partir desse paradoxo que as mulheres do hip hop se organizam e reivindicam o seu espaço, fazendo apontamentos e denúncias, principalmente, por meio das letras de rap, sobre a incompatibilidade que o movimento carregava, o que era muito similar ao que acontecia no contexto do feminismo negro,

O atual movimento de mulheres negras, ao trazer para a cena política as contradições resultantes da articulação das variáveis de raça, classe e gênero, promove a síntese das bandeiras de luta historicamente levantadas pelos movimentos negros e de mulheres do país, enegrecendo de um lado, as reivindicações das mulheres, tornando-as assim mais representativas do conjunto das mulheres brasileiras, e, por

outro lado, promovendo a feminização das propostas e reivindicações do movimento negro. (CARNEIRO, 2019, p. 327)

A partir do paradoxo presente no hip hop, no movimento negro e feminista, as mulheres, sobretudo as mulheres negras, começam a se organizar e se articular no decorrer das décadas. MC Sharylaine (2023) faz uma análise de que é possível a divisão em três ondas do feminismo no hip hop, sendo a primeira o Femini Rappers, a segunda o Minas da Rima e a terceira a Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop.

O Minas da Rima começou aproximadamente nos anos 2000 e, segundo Matsunaga (2006), as mulheres participantes também fizeram parte das primeiras posses do país e foram pioneiras na inclusão de mulheres no movimento hip hop no Brasil.

O projeto começou a partir da oferta que uma das rappers recebeu de realizar uma atividade em um espaço cedido pelo poder público, setor em que ela trabalhava. A ideia inicial era realizar um festival de grupos femininos de hip hop, mas como foram poucos grupos inscritos, decidiram por realizar um show. Com o sucesso desta iniciativa, constituem uma organização de mulheres, o “Minas da Rima”, assumindo posições feministas. A partir deste grupo, “participam de eventos, debates, discussões sobre a condição feminina e também produzem shows, abrindo espaço para outras mulheres se apresentarem, além de ‘fiscalizarem’ eventos de hip hop que não contemplam a mulher” (MATSUNAGA, 2006 apud RAMOS, 2016, p. 45)

A partir do aumento de grupos de rap de mulheres no país e da aproximação delas com o movimento feminista, outras iniciativas começaram a surgir durante a década de 2000.

Em 2004, Lunna Rabetti funda o portal virtual “Mulheres no Hip Hop”, a partir do qual vários eventos são organizados, inclusive o I Fórum de Hip Hop Feminino na Aldeia de Carapicuíba, em 2010, que marca a emergência da Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop (Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop, 2013, p.4). (RAMOS, 2016, p. 46)

A Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop surgiu em 2010 e é uma rede organizada de mulheres presentes em todo o país, que promove encontros, eventos, formações, oficinas, lançamentos, entre outros, impulsionando a participação, protagonismo e produção de mulheres em todas as manifestações do movimento.

Além deste crescimento do hip hop feminino nos fóruns e organizações coletivas, outro cenário, não necessariamente oposto ao primeiro, é o das hip hoppers que se profissionalizam em busca de uma carreira mais consolidada e famosa, sobretudo no elemento do rap. Destacam-se, na atual geração de rappers, artistas como Lurdez da Luz, Karol Conká, Tássia Reis, Livia Cruz, algumas delas com participação na Frente, outras não. (RAMOS, 2016, p. 46)

Essa pesquisa se faz necessária para preencher uma lacuna significativa sobre o impacto e a contribuição das articulações de mulheres no hip hop. A proposta de MC

Sharylaine em dividir o feminismo do hip hop em três ondas não foi antes explorada em mais detalhes, ou seja, essa pesquisa também contribuirá com um olhar minucioso para: i) compreender os diálogos estabelecidos entre as mulheres do hip hop e o feminismo negro, ii) identificar as mudanças que aconteceram no movimento de uma onda para outra e iii) como a organização de mulheres já experienciada pelo hip hop influenciou a composição e o reconhecimento do papel feminino na cena paulistana hoje, expandindo ainda mais na produção de conhecimento já feita por MC Sharylaine e expandindo os saberes feministas, antirracistas e culturais que focam no hip hop, na negritude, nas mulheres negras e no feminismo.

2. Objetivos

O objetivo desta pesquisa é investigar o impacto das articulações de mulheres no hip hop, seguindo a proposta de divisão das articulações apresentada por MC Sharylaine, no livro “Projeto Rappers: A primeira casa do hip hop brasileiro” (2023), de divisão em três ondas o feminismo dentro do hip hop, sendo a 1ª Femini Rappers (1992), a 2ª Minas da Rima (2000) e a 3ª Frente Nacional de Mulheres do Hip Hop (2010). Desse modo, pretende-se compreender melhor a divisão em ondas do feminismo no hip hop e o diálogo delas com o feminismo negro, identificando a forma como as mulheres se organizam dentro do movimento hip hop com suas próprias vozes, histórias e perspectivas, e como essas diferentes fases contribuíram para a construção de uma narrativa popular sobre as intersecções de gênero e raça.

3. Materiais e Métodos

A presente pesquisa utilizará a abordagem qualitativa, essa abordagem permite “dialogar com o fenômeno em sua complexidade, permitindo perceber as diferentes interações presentes nos contextos sociais, constituídas e constituintes dos sujeitos” (RODRIGUES, 2013, p. 63).

Os dados da pesquisa serão coletados a partir de: **1)** Revisão sistemática de literatura, **2)** Análise de materiais audiovisuais como documentários, músicas, filmes e videoclipes de rap e **3)** Entrevista semi-estruturada com as lideranças e/ou participantes do Femini Rappers, Minas da Rima e Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop

A revisão sistemática de literatura é “um tipo de investigação focada em questão bem definida, que visa identificar, selecionar, avaliar e sintetizar as evidências relevantes disponíveis.” (GALVÃO; PEREIRA, p. 183, 2014). O método é adequado quando há o interesse de sintetizar o conhecimento de uma área por meio de uma pergunta problema

e da seleção de estudos já publicados sobre a temática, visando elaborar, portanto, uma construção teórica acerca do tema. Para isso, a etapa de revisão será dividida em três grupos que compõem o marco teórico deste trabalho, sendo o primeiro dando destaque às perspectivas de feministas negras, como Angela Davis, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e bell hooks, o segundo dedicado às pensadoras do movimento hip hop, como Patricia Hill Collins, Tricia Rose, Halifu Osumare e Jaqueline Lima Santos e a terceira às produções acadêmicas que fazem referência ao Projeto Femini Rappers, Minas da Rima e Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop. Além disso, será realizado um estudo sobre a trajetória e produções audiovisuais de mulheres do hip hop que participaram de alguma das organizações representadas pelas ondas do feminismo e/ou foram pioneiras dentro do movimento, sendo elas: MC Sharylaine, City Lee, Lady Rap, Ieda Hills, Rubia Fraga e Dina Di.

A partir da revisão de literatura espera-se compreender: i) a conexão das articulações de mulheres do hip hop com o feminismo negro, ii) análise profunda da divisão das articulações de mulheres em ondas do feminismo do hip hop e iii) o reflexo e impacto do feminismo negro nas produções de rap de mulheres

A busca de estudos já publicados será realizada na base eletrônica *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), em acervos de hip hop e repositório de universidades do Brasil, a seleção será por meio das palavras-chave selecionadas: rap, hip hop, feminismo negro e gênero, publicados no campo das Ciências Humanas e Filosofia, Letras e Música. Para a primeira seleção dos estudos realizou-se a leitura da introdução das publicações selecionadas com o intuito de afinar a proposta por meio de critérios de inclusão e exclusão. Foram selecionados artigos, teses e dissertações publicados entre 1990 e 2020 e os critérios de exclusão foram ausência de elementos que refletissem sobre: a trajetória das mulheres no hip hop ou da história do feminismo negro. Para além da seleção de produções acadêmicas, foram incluídos documentários e outros materiais públicos produzidos pelas mulheres do movimento hip hop. Em uma nova etapa, será realizada um levantamento das produções sobre a atuação das mulheres no Hip Hop na base de dissertações e teses da CAPES para o mesmo período (1990-2020).

A avaliação da bibliografia selecionada para o estudo acontecerá pela leitura detalhada de todas as publicações e da elaboração de um quadro sinóptico que contenha o(s) autor(es), o ano e local da publicação, objetivo da pesquisa, metodologia escolhida e as conclusões obtidas.

Já a entrevista semiestruturada “combina perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto.” (BONI; QUARESMA; 2005, p. 75). A entrevista permite que as interlocutoras da pesquisa explorem com um maior nível de profundidade o tema e que a entrevistadora oriente as perguntas sem fuga do tema e objetivo principal de pesquisa, ou seja, permite uma troca mais próxima e detalhada, permitindo a investigação e entrada em assuntos mais complexos e que a pessoa entrevistada ofereça suas próprias perspectivas com sua própria voz.

As interlocutoras da pesquisa serão selecionadas a partir da etnografia nos eventos de mulheres organizados pela Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop, em que será realizada a busca de identificar lideranças de cada um dos períodos (ondas) e/ou será feito o contato com figuras importantes que ajudem a chegar nos nomes fundamentais cada um dos períodos analisados.

A entrevista será estruturada em quatro grandes campos, sendo eles: **1)** Apresentação, que tem como objetivo entrar na trajetória e história dos interlocutores, **2)** O contato com o hip hop, que tem como objetivo se aprofundar no momento em que se deu o primeiro contato da pessoa entrevistada com o movimento, **3)** Jornada dentro do Hip Hop, que vai explorar como a pessoa construiu a carreira dentro do movimento e **4)** Articulações de mulheres, que entrará na forma em que a pessoa passou a integrar e/ou fundou uma organização de articulação de mulheres no hip hop.

As entrevistas serão gravadas e transcritas integralmente, sendo fiel a cada detalhe narrado com o objetivo de gerar um documento robusto e detalhado sobre o trabalho de campo. As transcrições serão realizadas seguindo os quatro grandes campos da estrutura da entrevista, está previsto correções nessa classificação, já que a entrevista semiestruturada abre espaço para a pessoa entrevistada abordar o tema mais livremente, o que gera repetições e/ou adiantamento de respostas.

A partir da primeira verificação e classificação das respostas nos quatro grandes campos, os discursos serão analisados para identificar subtemas em comum, ou seja, será feita uma primeira codificação em busca de padrões e termos que se repetem entre as respostas das interlocutoras com o objetivo de chegar em uma primeira classificação de temas que são importantes para a pesquisa. Após a codificação inicial, será realizada a codificação detalhada para refinar a classificação do discurso e identificar pontos de convergência e divergência entre as experiências nas articulações de mulheres no hip hop, identificando pontos fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa.

Após a classificação das transcrições será feito um quadro com as passagens mais importantes para que se tenha uma planilha comparativa entre as experiências narradas pelas pessoas interlocutoras, identificando continuidades e rupturas de um período para o outro, o que possibilitará a verificação das passagens entre as ondas do feminismo no hip hop brasileiro.

A abordagem qualitativa permite a combinação de diferentes fontes de dados, dessa forma será possível fazer a combinação de temas e questões que já foram pesquisadas e coletar informações sob a perspectiva de integrantes do movimento hip hop, em especial, de mulheres que fizeram parte das organizações de mulheres e tiveram a frente das ondas do feminismo no hip hop. Dessa forma, os instrumentos metodológicos e os dados coletados permitirão responder às questões centrais da pesquisa - “qual é o impacto das ondas do feminismo e articulações de mulheres no hip hop?”.

5. Análise de Resultados

Os resultados serão analisados a partir da triangulação de dados obtidos a partir da revisão de bibliografia e do trabalho de campo, a análise tem como objetivo a compreensão completa e detalhada por meio do diálogo dos dados obtidos a partir das duas principais metodologias desta pesquisa, a revisão de bibliografia e as entrevistas.

A revisão de bibliografia será analisada, principalmente, sob a perspectiva do aprofundamento teórico no campo dos *Hip Hop Studies*, nos materiais e pesquisas já produzidos e disponíveis na academia e nas produções no contexto de gênero e sexualidade, dando destaque para perspectivas do feminismo negro, decolonial e do sul global.

Já as entrevistas e o trabalho de campo serão analisados à luz das periodicidades estabelecidas por MC Sharylaine - a proposta de três ondas do feminismo no hip hop - e do material coletado na revisão de bibliografia. Serão empregados relato autobiográfico, história oral e memória coletiva como técnicas de investigação. A análise de discurso, segundo Fernandes (2008), focaliza-se não somente no sujeito, mas na conjuntura social em que ele está inserido, “tomado em um lugar social, histórica e ideologicamente marcado”. Assim como os sujeitos que lhe dão conteúdo, os discursos não são fixos, estão em constantes transformações, no mesmo compasso que ocorrem as mudanças sociais e políticas presentes na vida humana.

A partir dos resultados da revisão de bibliografia e do trabalho de campo, será possível identificar pontos de convergência e divergência entre os dados e narrativas

coletados, o que possibilita o entendimento detalhado da divisão das articulações de mulheres seguindo uma periodicidade, além de evidenciar como acontece esses diálogos e articulações entre elas dentro do movimento hip hop.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONI, V; QUARESMA, S. J.; Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências

Sociais. **Em Tese** - Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976> .Acesso em: 02 jul. 2024

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: Hollanda, Heloísa Buarque (org). Pensamento feminista - conceitos fundamentais, Rio de Janeiro, Bazar do tempo, 2019.

CARNEIRO, Aparecida Sueli; FISCHMANN, Roseli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

COLLINS, Patricia Hill. **From Black Power to Hip Hop: racism, nationalism, and feminism**. Philadelphia, Temple University Press, 2006.

FELIX, João Batista de Jesus. **Hip Hop: cultura e política no contexto paulistano**. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.8.2006.tde-01052006-181824>. Acesso em: 01 de julho de 2024

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise de discurso: Reflexões introdutórias**

FERREIRA, Tania Maria Ximenes. **Hip hop e educação: mesma linguagem, múltiplas falas**. 2005. 110 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005

GALVAO, Taís Freire; PEREIRA, Mauricio Gomes. **Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração**. Epidemiol. Serv. Saúde, Brasília, v. 23, n. 1, p. 183-184, mar. 2014. Disponível em <http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167949742014000100018&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 26 jul. 2024

GOMES, Renan Lelis. **Território usado e movimento hip-hop: cada canto um rap, cada rap um canto**. 2012. 159 p. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1620387> . Acesso em: 13 de julho de 2024.

GONZALES, Lélia (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, pp. 223-244.

HARVEY, D. **The enigma of capital and the crises of capitalism**. 2. ed. London: Profile Books, 2011. Edição brasileira: *O Enigma do Capital*. São Paulo: Boitempo, 2011.

HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip-hop invadem a cena**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

MATIAS-RODRIGUES, M. N. & de ARAÚJO-MENEZES, J. (2014). Jovens mulheres: reflexões sobre juventude e gênero a partir do Movimento Hip Hop. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, 12 (2), pp. 703-715.

MATSUNAGA, Priscila Saemi . AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MULHER NO MOVIMENTO HIP HOP. **Psicologia & Sociedade** [on-line]. 2008, 20(1), 108-116. ISSN: 0102-7182. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=309326454012>. Acesso em: 19 jul. 2024.

MOASSAB, Andreia. **Brasil periferia(s): a comunicação insurgente do Hip-Hop**. 2008. 295 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

PIMENTEL, Spensy Kmitta. **O livro vermelho do hip-hop**. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, USP, 1997.

PONCIO, Gabriel Rodrigues. **O Rap como expressão da cultura popular e da tomada de consciência: enfrentando a prisionização e a seletividade do sistema penal**. 2014. 72 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Serviço Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/134404>. Acesso em: 28 de julho de 2024.

POSTALI, Thifani. A INVISIBILIDADE DA MULHER NO HIP HOP: uma análise sobre documentários dos anos 2000. **Revista Comunicação, Cultura e Sociedade**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 032–050, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ccs/article/view/4302>.. Acesso em: 19 jul. 2024.

RAMOS, Izabela Nalio. **Entre 'perifeminas' e 'minas de artilharia': participação e identidade de mulheres no hip hop e no funk**. 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2016. <https://doi.org/10.11606/D.8.2017.tde-24012017-130121>. Acesso em: 24 de julho de 2024.

RAMOS, Paulo Cesar. **Gramática negra contra a violência de Estado: da discriminação racial ao genocídio negro (1978-2018)**. 2021. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. doi: <https://doi.org/10.11606/T.8.2021.tde-19052021-202215>. Acesso em: 09 de julho de 2024

RODRIGUES, Maria Natália Matias. **Jovens mulheres rappers: Reflexões sobre gênero e geração no movimento Hip Hop**. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10254>. Acesso em: 19 jul. 2024

ROSE, T. **Barulho de Preto: Rap e cultura negra nos Estados Unidos contemporâneo** / Tricia Ros; tradução Daniela Vieira, Jaqueline Lima Santos. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 2021.

SANTOS, J.; ARRUDA, C.; SILVA, I. **Projeto Rappers: a primeira casa do hip hop brasileiro: história & legado**. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, Geledés - Instituto da Mulher Negra, 2023

SANTOS, Jaqueline Lima. **Negro, jovem e hip hopper: história, narrativa e identidade em Sorocaba**. 2011. 168 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/88796>. Acesso em: 01 de agosto de 2024

SANTOS, Maria Aparecida Costa dos. **O universo hip-hop e a fúria dos elementos**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/T.48.2018.tde-19042018-155632. Acesso em: 2024-09-07.

SILVA, José Carlos Gomes da. **Rap na cidade de São Paulo: música, etnicidade e experiência urbana**. 1998, 286 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas/SP. Disponível em: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.1998.171284>. Acesso em: 19 de julho de 2024